

Jornal da

SPPA

Conversando com a comunidade

ANO 12 • DEZEMBRO 2013 • Nº 24

PORTO ALEGRE • RS • BRASIL

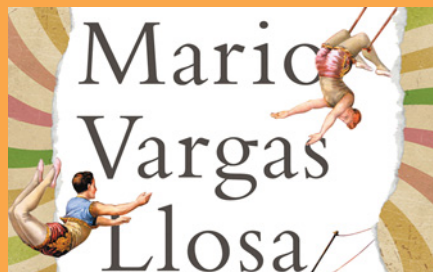


Filiada à International Psychoanalytical Association

Infância e Adolescência na contemporaneidade

Artigo

PÁGINA 9



Literatura

PÁGINA 10

Que cultura é essa?!



ENTREVISTA:

Cláudio Eizirik e Voltaire Schilling

falam sobre psicanálise e cultura atual

PÁGINA CENTRAL



Ferenczi e a Confusão de Línguas

Artigo

PÁGINA 11

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1963

Filiada à International Psychoanalytical Association

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE (SPPA)

Rua Gen. Andrade Neves, 14/802

Porto Alegre/RS - 90010-210

(51) 3224-3340

www.sppa.org.br | comunicacao@sppa.org.br

PRESIDENTE

Viviane Sprinz Mondrzak

DIRETORA ADMINISTRATIVA

Eleonora Abbud Spinelli

DIRETOR CIENTÍFICO

José Carlos Calich

DIRETORA FINANCEIRA

Luiza Olga Luderitz Hoefel

DIRETORA DO INSTITUTO

Ingborg Bornholdt

DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

Zelig Libermann

DIRETOR DE DIVULGAÇÃO

Jair Knijnik

DIRETORA DO NIA

Maria Elisabeth Cimenti

COMISSÃO EDITORIAL

Katia Wagner Radke (Coordenadora)

Carlos Augusto Ferrari Filho

Elizabeth Meyer Wolf

Maria da Graça Motta

Nyvia Oliveira Souza

Sandra Wolffenbüttel

Suzana Golbert

JORNAL DA SPPA

Tiragem: 3.000 exemplares

Fotos utilizadas: Arquivo/SPPA

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Ana Klein (DRT/RS 8741)

Vera Nunes (DRT/RS 6198)

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Clemente Design

CAPA

The First Step

David Adolf Constant Artz



Viviane Sprinz Mondrzak*

O olhar contemporâneo e os vínculos

Uma construção necessária

O que é o contemporâneo? Uma pergunta aparentemente simples de responder, de acordo com o dicionário. Mas um questionamento muito mais difícil quando pensamos na complexa tarefa de pensar nosso tempo. Para o filósofo G. Agamben (cujas ideias estiveram no centro do último Congresso Brasileiro de Psicanálise), o ser contemporâneo é aquele que tem a capacidade de ver o obscuro, de não estar adaptado ao seu tempo, mantendo dele um distanciamento crítico e reflexivo. É como se, mesmo imersos no contemporâneo, sendo constituídos por e constituindo esta estrutura em movimento permanente, tivéssemos que manter algum grau de “desadaptação”. “Desadaptado” não significa apenas apontar os males dos tempos atuais, mas buscar a inquietação, o desconforto, o que foge do habitual seguro.

Portanto, o próprio tema proposto pela editoria do Jornal, é contemporâneo, ao se propor a pensar sobre “o contemporâneo”.

A intersecção com “vínculos” segue na mesma linha, ao pensar sobre um aspecto essencial para a psicanálise (porque é essencial para todo indivíduo). Em épocas em que há uma hipertrofia da busca de sensações, num crescente de excitação,

como uma droga que afasta da realidade, a perspectiva é de anestesia da capacidade de sentir e pensar. Como psicanalistas, sabemos como o sensorial pode formar um escudo protetor contra vivências de vulnerabilidade que acompanham o contato assustador com o outro, representante da realidade de nossa incompletude. Assim, o estudo dos vínculos, em suas várias dimensões, é uma tarefa essencial.

Boa leitura!

Em épocas em que há uma hipertrofia da busca de sensações, num crescente de excitação, como uma droga que afasta da realidade, a perspectiva é de anestesia da capacidade de sentir e pensar.

*Presidente da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Quem somos?

Porto Alegre conheceu a psicanálise nos anos de 1920, através de uma série de conferências proferidas na Faculdade de Medicina da UFRGS. As perspectivas da psicanálise estimularam profissionais a partirem para a Argentina, em busca de capacitação para trabalhar como psicanalistas. Eles fundaram um grupo de estudos psicanalíticos, que deu origem à Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, a primeira instituição psicanalítica fundada no RGS.

A SPPA é formada por profissionais da saúde mental: médicos e psicólogos, e está filiada à Sociedade Psicanalítica Internacional (IPA) desde 1963. A IPA, entidade psicanalítica maior, foi fundada por Freud e colaboradores no intuito de congregar os profissionais em torno do estudo teórico e em prol da prática clínica adequada. Ao preparar promotores de saúde mental, a Sociedade Psicanalítica preocupa-se com a qualificação de seus membros, que implica uma formação constituída através de seminários teóricos, prática clínica supervisionada e análise pessoal do profissional.

A psicanálise é um método de tratamento – e de investigação – das afecções mentais e parte do princípio de que o estado emocional dos indivíduos e seu comportamento derivam de forças mentais inconscientes. Angústias ou outras formas de



sofrimento psíquico podem ocasionar importantes prejuízos pessoais, interpessoais e profissionais, para os quais o tratamento psicanalítico tem sua eficácia comprovada. A abordagem psicanalítica também possibilita uma ampliação da capacidade mental e emocional do indivíduo, assim como uma modificação de padrões de comportamento repetitivos que levam a um prejuízo de sua qualidade de vida. Os profissionais da SPPA atendem a adultos, adolescentes e crianças.

Conheça mais sobre a SPPA, os seus membros e a psicanálise visitando a homepage: www.sppa.org.br.



O jornal da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) visa a cumprir com o objetivo de divulgar a Psicanálise e de apresentar-nos à comunidade científica, através da distribuição do mesmo aos profissionais ligados à saúde e à educação e também às entidades representativas destes segmentos. Almejamos uma aproximação crescente e profícua com as demais profissões e estamos dispostos a compartilhar experiências e a apresentar nossas ideias.



Livro registra os 50 anos da SPPA

O livro "Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre - 50 anos" foi lançado no último dia 30 de novembro, durante o jantar de confraternização da entidade, no Hotel Plaza São Rafael.

Conforme a coordenadora da Comissão de Memória da SPPA, Angela Mynarski Plass, o livro, com mais de 100 páginas, está dividido em cinco

capítulos que reúnem fotos e documentos históricos, o trabalho desenvolvido pelas gestões da entidade desde a sua fundação, visitantes nacionais e internacionais entre tantas outras informações. "Foi um trabalho de pesquisa extenso, com um resultado muito bonito, é um registro histórico que fica para as próximas gerações", assinala.

O primeiro capítulo da publicação conta o desenvolvimento do pensamento psicanalítico no Brasil e as origens da SPPA. O segundo retrata as cinco décadas de história da entidade, a partir da sua fundação até os dias de hoje. O desenvolvimento da psicanálise da infância e da adolescência iniciado por Zaira Martins, seguido pela criação do Núcleo da Infância e da Adolescência (NIA), está descrito no terceiro capítulo. O tema do quarto capítulo é a Revista da SPPA - desde a sua concepção com Paulo Machado -, além de outras publicações da Sociedade. Por fim, o quinto e último capítulo, a relação dos presidentes e suas gestões, membros da entidade, fotos de eventos importantes, homenagens prestadas, prêmios e destaques recebidos.

A obra, em capa dura, publicada com apoio da Artes Médicas, será distribuída a todos os associados, a sociedades de psicanálise do Brasil, da América Latina e universidades.

Tratamento Psicanalítico

O Centro de Atendimento Psicanalítico do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (CAP) oferece um serviço para tratamento psicanalítico, em consultórios privados, destinado a pessoas adultas, adolescentes e crianças da comunidade que não dispõem dos recursos econômicos habituais para este tipo de atendimento. Aqueles que buscam o CAP e tiverem indicação para psicanálise serão atendidos por profissionais capacitados. O tratamento é realizado com frequência de 3 a 4 sessões semanais, com honorários acessíveis, após a avaliação inicial. Durante o período de avaliação, cada sessão terá o custo de R\$ 50,00 e as demais combinadas diretamente com cada psicanalista.

Para informações e inscrições entrar em contato com a secretária Margareth, de segunda a sexta-feira, na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, pelo telefone 3224-3340, a partir das 14h, para agendar o preenchimento do cadastro, ou pelo e-mail: instituto@sppa.org.br.

Por quê?

Porque é da natureza do homem estar constantemente em conflito

Para quê?

Para alívio da dor emocional / Para auto-conhecimento / Melhor qualidade de vida

Como?

CAP - Centro de Atendimento Psicanalítico



Revista de Psicanálise Agora em versão virtual

Uma grande conquista da Revista da SPPA neste ano, além de colocar em dia as publicações, foi a versão virtual da Revista de Psicanálise. Recentemente foi postado online, o número comemorativo dos 20 anos da Revista e 50 da SPPA, Psicanálise

e Cultura lançado na 59ª Feira do Livro. O êxito foi grande: imediatamente após a postagem, chegaram e-mails de colegas da Sociedade Psicanalítica, de outras sociedades psicanalíticas do Brasil, do Uruguai e da Argentina, parabenizando a Revista

Desde janeiro de 2013 a Revista está sendo gerenciada e editorada através do SEER (Sistema Eletrônico de Editoração de Revista) e sua publicação, além da versão impressa, está online com acesso restrito (somente assinantes podem acessar os artigos na íntegra). Nada mudou, a não ser que o processo de editoração e publicação é eletrônico e desde janeiro temos uma versão virtual.

Este sistema é utilizado pela maioria das revistas científicas do mundo, e por isso, projetado para que seja simples aos seus usuários. No entanto, sabe-se que mudanças são difíceis. É preciso tempo para aprender o novo sistema e este tempo é individual, depende

da familiaridade de cada um nos meandros da informática. São as dificuldades diante do desconhecido e do não saber. "Paciência e tolerância são condições importantes para aprender com a experiência e ampliar a capacidade para lidar com a nova situação. Com certeza, nestes dez meses de experiência houve uma importante modernização no gerenciamento da Revista e uma ampliação na divulgação e contatos", salienta Tula Bisol Brum, editora da Revista.

Os leitores do Jornal da SPPA estão convidados a explorarem a Revista virtual, com três publicações online: número 03/2012, Homenagem a André Green (01/2013) e Psicanálise e Cultura (2/2013). Não vacilem diante de dificuldades, a SPPA (através da Karine ou Greison) está à disposição para auxiliar no que for necessário. Opiniões e sugestões são sempre bem-vindas para aprimorar o funcionamento da Revista.

A seguir o passo a passo para acessar a Revista virtual:

- acessar o link <http://sppa.no-ip.org/sppa>;
- clique na imagem da revista para acessar a edição atual ou clique na aba "Anteriores" para acessar as edições anteriores;
- todos poderão ver Resumo e Palavras-chave dos artigos e acessá-lo na íntegra colocando senha e login quando solicitado.

Quer assinar a revista?

Assinatura anual (3 números): R\$ 75,00

Números avulsos:

1994 a 2001: R\$ 20,00 p/ exemplar
2002 em diante: R\$ 30,00 p/exemplar

Promoção para alunos dos cursos de psicoterapia de orientação psicanalítica

1994 a 2001: R\$ 10,00 p/ exemplar
2002 até 2009: R\$ 20,00 p/exemplar
2010 em diante: R\$ 30,00 p/exemplar

Consulte artigos/autores no site

www.sppa.org.br/new/revista.php

Formas de pagamento

- CHEQUE NOMINAL
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
Rua Andrade neves, 14/802 - 90010-020
Porto Alegre, RS - (51) 3228-7583 e 3224-3340
- DADOS BANCÁRIOS
Santander - Banco 033 - Agência 1480

Conta corrente 130006562

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
CNPJ: 92.911.304/0003-90

Solicitamos o envio do comprovante de depósito por um dos meios:

E-mail:
revista@sppa.org.br
Fax: (51) 3224-3340
Correio:
Rua Andrade Neves, 14/802 90010-020
Porto Alegre, RS

Associação de Candidatos elege nova diretoria

Inaugurando as atividades da Associação de Candidatos (AC) da SPPA aconteceu no dia 18 de julho a Assembleia Geral Ordinária da Associação de Candidatos com a apresentação de relatório da gestão 2012-13, composta por Elena Tomasel, Tiago Crestana e Iara Wiehe. Nesta ocasião ocorreu também a eleição da nova diretoria integrada por Tiago Crestana como presidente, Iara Wiehe como secretária e Francisca Levy como tesoureira. A proposta desta nova diretoria é a continuidade do trabalho que vem sendo desenvolvido na AC. Juntamente com a Assembleia houve o lançamento dos Anais do VII Simpósio Interno Integrado AC – Instituto de Psicanálise. Esta edição contou com 17 trabalhos publicados e os respectivos comentários.

Em agosto, a AC, o Instituto e a SPPA receberam a visita da colega Alexandra Coimbra, da Sociedade Portuguesa de Psicanálise através do VCP (Visiting Candidate Program). Ela teve a oportunidade de participar de seminários teóricos, realizar supervisões individuais e participar das demais atividades da Sociedade e do Instituto. Também realizou uma apresentação sobre a formação analítica em Portugal.

Já em setembro o trabalho *“Entre o medo e a paixão: como nos tornamos analistas nos dias de hoje?”* feito por um grupo de Candidatos da SPPA, coordenado pela Associação de Candidatos, foi apresentado no Congresso da FEBRAPS. Também neste mês, as colegas Francisca Levy e Laura Meyer representaram a Associação em um Simpósio promovido pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, com o tema *Psicanálise na rua, que tratou de questões vinculadas aos tempos atuais.*

18.10.2013 - sexta
19h30min
Auditorio da SPPA

Atividade Integrada da Associação de Candidatos e Instituto da SPPA



Atividade aberta e gratuita: SPPA Rua Gen. Andrade Neves, 14/4º andar - Porto Alegre - Fone: (51) 3224.3340 - www.sppa.org.br



E em outubro aconteceu a atividade da AC integrada com o Instituto, *“Conversa sobre experiência criativa”*, com Sandra Dani. A atriz falou do espaço no qual ocorre a criação, um espaço entre a realidade e a ficção, onde o lúdico se instala e há um jogo do ator entre o real e o imaginário. Abordou o estado de disponibilidade que o ator precisa encontrar para exercer o seu trabalho e que isso só é possível *“quando ele consegue estabelecer uma relação de intimidade consigo mesmo. Conhecendo os seus limites para poder assim, expandi-los, possibilitando trabalhar/criar de uma forma mais verdadeira”*, explicou a atriz.

CICLO DE ESTUDOS SOBRE TEORIA PSICANALÍTICA para acadêmicos e profissionais de Psicologia e Medicina



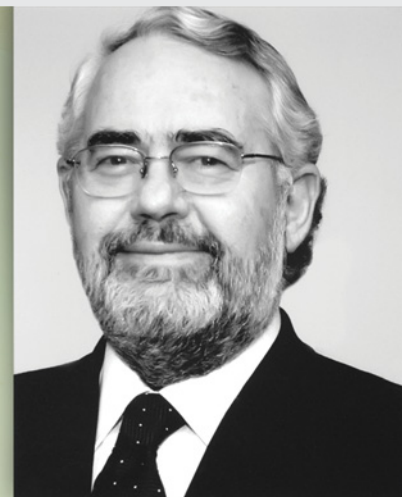
instituição, estudar temas psicanalíticos com a coordenação de psicanalistas da instituição. A cada semestre são lançados novos temas, geralmente sobre as ideias de autores como Freud, Klein, Bion, Winnicott, temas sobre psicopatologias, ou ainda temas sobre a infância e a adolescência. São 12 encontros por semestre que ocorrem semanalmente com uma hora de duração distribuídos ao longo de 3 meses. Costumam iniciar em abril e em setembro de cada ano.

Há alguns anos que a SPPA organiza semestralmente o Ciclo de Estudos sobre Teoria Psicanalítica para acadêmicos e profissionais de Psicologia e Medicina. O ciclo se constitui de grupos que se formam a partir das inscrições de acordo com o interesse pelo tema proposto. O objetivo da atividade é a divulgação da psicanálise. Desta forma a SPPA tem oportunizando a pessoas que não estão vinculadas à

Neste momento estão sendo organizados os temas para o próximo ano. Em março de 2014 as inscrições serão abertas para os grupos que ocorrerão no período de abril a junho. Fique de olho em nosso site ou faça contato por telefone para maiores informações.

Informações pelo telefone: (51) 3224.3340, através do site www.sppa.org.br ou ainda pelo facebook.

Nesta edição, quando o Jornal da SPPA dedica-se ao tema dos Vínculos na Contemporaneidade, foram convidados o psicanalista Cláudio Laks Eizirik e o professor e historiador Voltaire Schilling para apresentarem suas ideias e dialogarem sobre a importância da psicanálise na cultura.



SPPA | Considerando que a cultura e o sujeito constituem-se mutuamente e estão em constante interação, como o senhor pensa as transformações dos vínculos e da cultura ao longo da história da humanidade?

Eizirik: A questão dos vínculos humanos está no centro do que se conhece como civilização, e sua presença, ausência, redução ou incremento pode ser um dos critérios que define o estado da cultura ao longo dos séculos, e em cada momento ou período da história da humanidade.

Não por acaso se chama de medievais um conjunto de práticas que privilegiam as proibições ao pensamento independente e um sistema opressivo de dominação das massas por uma casta supostamente culta, em que os vínculos dependiam da obediência cega, como no período histórico retratado com perfeição por Umberto Eco em “O Nome da Rosa”. Nem é por acaso que a esse período se seguiu o Renascimento, em que as artes floresceram, as diversas expressões do pensamento, da filosofia e os primórdios da ciência passaram a ser explorados e em que diversas formas de vínculos amorosos ocuparam o espaço criativo de poetas, escritores, pintores e escultores.

Há como que um movimento pendular entre períodos sucessivos, seguindo esse modelo, entre liberdade e opressão, ditadura e democracia ou alguma forma equivalente, ou, dito de outra forma, desligamento ou ligação, domínio da pulsão de vida ou de morte, da capacidade de unir ou de destruir.

Desde que Freud (1912), descreveu o assassinato do pai pela horda de irmãos e seu devoramento como o crime primordial da humanidade, ficou estabelecida a natureza básica dos vínculos humanos: a ambivalência. A tediosa discussão sobre a verdade material ou histórica, ou os questionamentos acerca da natureza fantástica desta cena inaugural deixam de lado o conteúdo de verdade psíquica que ela encerra, e que é observado em cada análise ou em cada criança, ou mesmo num olhar mais atento sobre a conduta humana, seus rituais cerimônias, entronização e derrocada dos líderes de variada procedência.

A ambivalência que colore todos os vínculos humanos é um elemento invariante, e é nela que podemos pensar ao olhar a cena contemporânea.

Estamos todos bastante familiarizados com as descrições de Bauman (2001) sobre a modernidade líquida, expressão com a qual caracteriza a provisoriabilidade dos laços e a descartabilidade dos vínculos em nossos tempos.

Começemos com um tipo de vínculo que não é entre duas pessoas, mas entre uma ou todas as pessoas e sua morada comum, a Terra. Se percorremos as páginas do magnífico livro recém lançado por Sebastião Salgado (2013), encontramos um testemunho vivo

do esplendor de nosso planeta, em várias de suas regiões longínquas, de sua fauna, de sua flora e da quase infinita variedade de seres humanos que aí habitam. Em momentos, parece-nos encontrar o tipo de pessoas descritas por Freud, e percorrer as páginas de Totem e Tabu. Mas o propósito de Salgado, ao mostrar esse deslumbrante painel de nossa herança compartilhada, é alertar para os perigos da pulsão de morte, cuja ação, silenciosa ou ostensiva, leva ao ataque à representação materna em sua forma global. Eis aí, então, um dos desafios maiores dos vínculos contemporâneos. Em outra escala, temos o conjunto de valores, produções, obras de arte, construções e recursos capazes de abrigar e alimentar populações famintas, um conjunto que pode ser protegido e desenvolvido, ou atacado e destruído, em nome do lucro, da voracidade, do narcisismo, da satisfação ilimitada de desejos e fantasias.

Temos por fim as relações humanas propriamente ditas, em suas várias dimensões, como as amorosas entre duas pessoas, entre pais e filhos, amizades e assim por diante.

Bauman e outros autores descreveram algumas características de nossa cultura, mas ela é bem mais complexa e nela encontramos, às vezes numa mesma rua, desde expressões medievais até o mais sofisticado cosmopolitismo. Assim, no mundo contemporâneo, encontramos inúmeras expressões, e não apenas a liquidez e a descartabilidade. Poderíamos, então, nos perguntar se um certo frenesi contemporâneo por sons estridentes, imagens em velocidade vertiginosa, trocas compulsivas de parceiros, consumo desenfreado, cirurgias plásticas, estar ligado sem parar no facebook e similares, fuga do envelhecimento, são de fato expressão da cultura ou uma formidável defesa.

Será que tomamos os sintomas como um retrato de nosso zeitgeist (espírito do tempo) e deixamos de perceber que, por trás desse amplo conjunto de “som e fúria” escondem-se as mesmas e eternas ansiedades e temores, as mesmas e eternas buscas por amar e ser amado, o mesmo e eterno desamparo? Talvez o que a psicanálise nos ajude a perceber é justamente esse conjunto de emoções, estados mentais sucessivos, essa esperança que renasce após cada perda ou queda, tudo isto que faz de todos e de cada um de nós, enfim, simplesmente humanos.

Referências

- Bauman, Z. (2001) Modernidade líquida, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
Freud, S. (1912) Totem e Tabu, São Paulo, Obras Completas, v 11, Cia das Letras, 2012.
Salgado, S. (2013) Gênesis, Colônia, Taschen, 2013.



SPPA | Professor Voltaire, como o senhor percebe a importância da psicanálise na cultura?

Voltaire: A psicanálise, embora conhecida na 1ª Guerra Mundial, somente se expandiu a partir da 2ª Guerra. Sua aceitação pela sociedade começou a ocorrer mais tarde. Se pensarmos no número reduzido de psicanalistas e o efeito cultural que a psicanálise teve na sociedade e na mudança de costumes, talvez este tenha sido o grupo minoritário com maior influência no século XX, pois, o que eram os outros valores que estavam por aí? Era o catolicismo, o protestantismo, os evangélicos e, claro, as ideologias como o marxismo, etc

Percebe-se as mudanças introduzidas por influência da psicanálise, por exemplo, num redimensionamento de questões morais e religiosas, quando no passado, o padre era uma figura eminente na estrutura da sociedade e os costumes muito distintos. A intolerância e a intensa violência do homem em relação à rejeição da mulher, ao abandono, à traição eram parte da cultura, era a mentalidade da época.

O sexo, no cristianismo, é o exemplo do demônio! Então, imagina mudar toda essa mentalidade, dizendo que o sexo é uma coisa natural, que sonhos eróticos não são pecado, que fazem parte da estrutura da psicologia humana... É uma conquista extraordinária, principalmente para um país latino, católico e com uma poderosa igreja, como o Brasil.

A psicanálise é um movimento de libertação moral e ética. E, a partir do momento em que a classe média começa a mudar os costumes, passa a haver maior aceitação da psicanálise no resto da sociedade. Até pouco tempo, isto era inaceitável. As pessoas eram expulsas de um clube, de grupos sociais, de recepções, por exemplo, se fossem “desquitadas” ou algo assim. Tinha que existir algo que legitimasse a união, para que fosse aceita. Havia uma coerção social no sentido da monogamia, de um casamento que durasse até a morte. Hoje, isto é absolutamente desimportante e algo que a psicanálise trouxe, também: a não culpabilidade. Um sujeito não é culpado por seu casamento não ter dado certo, pelo amor ter terminado. A psicanálise também trouxe a liberdade de expressão, de comunicação, de imprensa e profissional. Ela veio, de certa forma, ocupar o lugar da mentalidade livre, fazendo com que as pessoas pudessem usufruir melhor a vida, sem culpas.

A psicanálise tem pouco mais de cem anos e se comparada com dois mil anos de cristianismo e outras religiões que ainda subsistem, ela é uma criança, mas com um feito incrível: mudou a forma de pensar, fundamentalmente, pelo ataque ao pecado. Não existe pecado na psicanálise. Para tudo há uma explicação relativamente lógica o que trouxe maior liberdade.

Na cultura ocidental, Freud é o principal revolucionário, que se compara, nessa questão da mudança de costumes, com Rousseau, no século XVII, que também mudou a mentalidade das pessoas. Ao dizer: “o homem nasce livre, todavia ele termina preso a uma

“ Na cultura ocidental, Freud é o principal revolucionário, que se compara, nessa questão da mudança de costumes, com Rousseau, no século XVII, que também mudou a mentalidade das pessoas.”

série de correntes e fica encadeado”, ele jogou a responsabilidade para a sociedade. O homem não conseguia exercer sua liberdade, por causa de uma conjuntura social hostil a ele, que nós teríamos que quebrar, através de novas leis sociais e políticas, através de um processo democrático, para que pudéssemos ir, gradativamente, rompendo aquele conjunto de amarras. Podemos comparar isto ao que aconteceu com a psicanálise. O homem, para realizar, de acordo com sua própria natureza e corresponder, assim, às suas peculiaridades, também tem que romper com um conjunto de leis morais e tabus.

As regras morais de uma sociedade são funcionalistas. Há exemplos disto, como na proibição, para os semitas, de comer carne de porco. Nas condições climáticas que eles viviam, a carne deteriorava e eles adoeciam, morriam por terem ingerido tal alimento. Assim, estas regras que a religião fazia estavam muito vinculadas à estrutura de sobrevivência. Agora, há a questão da Aids e das doenças sexualmente transmissíveis. Por isso aquela obsessão das religiões – de todas elas – pela monogamia. Isto tinha um sentido evidente de evitar a proliferação de doenças sexuais. Hoje há medicações, vacinas e a diminuição dos riscos, sem necessidade daquela rigidez.

As normas se alteram porque as condições de vida mudaram completamente. Antes da pílula, a mulher que engravidava era expulsa de casa, pois havia a preocupação: quem vai cuidar da criança, quem vai sustentá-la? Então, a violência contra a filha solteira que ficasse grávida era uma espécie de repressão a todas as mulheres que poderiam passar por esta situação, já que a maioria delas não trabalhava e não tinha condições de manter um filho. As sociedades criam as normas de autodefesa e de correção.

Então, eu me pergunto até que ponto a tolerância ou intolerância a determinadas coisas não são mediadas exatamente pela necessidade da coletividade?

Trabalho com educadores terá projeto de pesquisa-ação



Psicanalista portuguesa Alexandra Coimbra conheceu o projeto

Ao mesmo tempo em que é realizado mais um ciclo de capacitação para educadores que trabalham em zonas de vulnerabilidade social na periferia de Porto Alegre durante o segundo semestre de 2013, nos últimos meses esse grupo de trabalho vem conversando sobre a implementação de projeto de pesquisa-ação.

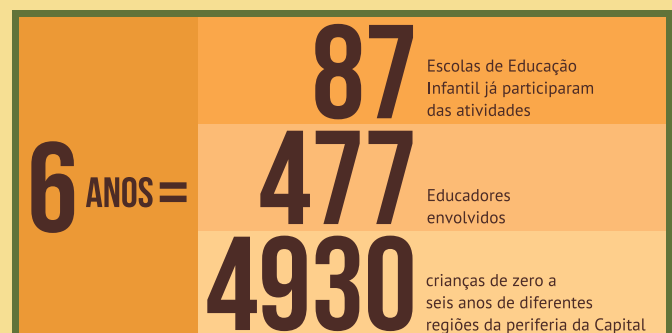
Questões como delimitação metodológica, sistematização teórica do método, possibilidades de replicação, identidade psicanalítica em um trabalho dessa natureza, entre outras, têm mobilizado essas conversas. Paralelamente chegam avaliações externas positivas sobre o valor desse trabalho – no último Congresso Brasileiro de Psicanálise realizado em Campo Grande foram apresentados alguns de seus resultados - internamente discute-se sobre a evolução do mesmo, entendendo que a realização dessa pesquisa-ação deverá funcionar como catalisadora nessa expansão e sistematização dessa experiência que está em seu sétimo ano.

Em um esforço dessa natureza, onde é necessário pensar-se tanto sobre as fronteiras do conhecimento interdisciplinar como nas vicissitudes da aplicação do conhecimento psicanalítico no trabalho de capacitação com os grupos de educadores, interessa pesquisar, agora de forma sistemática, se e como a escuta psicanalítica pode ajudar na compreensão e resolução dos graves problemas enfrentados pelos educadores em seu difícil dia a dia em escolas de periferia.

Profissionais da SMED e educadores sob a coordenação de psicanalistas, fazem esforço compartilhado, ajudando a pensar o que até então aparecia como situações incompreensíveis.

Através das reuniões com os educadores, um momento de reflexão sobre situações reais e ao mesmo tempo um pedido de ajuda de quem muitas vezes sente-se emocionalmente esmagado, sem saída, profissionais da SMED e educadores sob a coordenação de psicanalistas, fazem esforço compartilhado, ajudando a pensar o que até então aparecia como situações incompreensíveis.

Em uma das reuniões internas, quando o grupo de trabalho dos psicanalistas conversava sobre o andamento dessas questões, contou-se com a presença da psicanalista portuguesa Alexandra Borges Coimbra. Na ocasião ela estava conhecendo a SPPA por conta de intercâmbio interinstitucional promovido pela IPA (International Psychoanalytical Association). A psicanalista apresentou a sua experiência em Portugal onde desenvolve um trabalho de caráter social, focado na prevenção ao uso de drogas.



Infância e Adolescência na contemporaneidade



Joyce Goldstein*

Pensar e refletir a respeito da cultura contemporânea, e ainda da perspectiva de como ela interfere na subjetividade infantil e adolescente não é tarefa fácil, pois estamos como adultos, imersos neste contexto. Porém, é um tema que nos interessa, preocupa e que estamos tentando acostumar-nos, embora, nos cause muitas vezes, sentimentos de estranheza e temor.

Vivemos mudanças na cultura e na sociedade, que tentam descartar as tradições que as formações sociais anteriores, de um jeito ou de outro, preservavam. A marca de nossa época é a valorização da renovação, do prazer imediato e desmedido, do espetáculo, da velocidade, do efêmero e da imagem. Propõe-se como modelo uma vida sexual autônoma de amor e do encontro, considerando-se que assim pode e/ou deve ser. O modo de pensar é baseado na rapidez das decisões e das reações, em detrimento da profundidade e da reflexão. Tudo é muito rápido e fugaz.

Dentre tantos fenômenos que nos apresenta o mundo contemporâneo a serem pensados, elejo a questão da TEMPORALIDADE: aspecto fundamental da existência humana e efervescente nos jovens que vivem as passagens e transformações que o tempo impõe. O tempo de pensar, sentir, relacionar-se e “ser”, está comprimido. Viver na atualidade é estar inserido num espaço sem fronteiras e sem permanência. Estão sendo substituídos pela velocidade e aceleração do tempo, concentrando-se no presente, desconsiderando passado e futuro. O viver é único, intenso e agora. O lema que se instaura é: “Não há tempo a perder!”

Sabemos que a infância e a adolescência são modos de pensar o TEMPO, não apenas o tempo cronológico: tempo como sucessão de eventos vistos numa progressão e tempo interno, de elaboração das experiências.

A migração do mundo da infância para a adolescência, rumo à adultez, implica em uma longa caminhada acompanhada de processos disruptivos, perturbadores, crises e perdas de determinadas condições e papéis, como pela busca de transformações, elaborações, novas construções e oportunidades. Nessa migração está implícita a possibilidade de encontrar um lugar no mundo, ou seja, encontrar e legitimar uma identidade. Este é um processo de “vir a ser”, uma passagem gradual com destino à maturidade. É sabido que a busca pela imediatez e efêmero não se instaura sem efeitos e sem impactos na subjetividade das crianças e adolescentes.

Ficam latentes as seguintes indagações:

- Qual o impacto de tantas mudanças sobre as percepções, os sentimentos e a própria noção de identidade das crianças e adolescentes no mundo contemporâneo?

- Como tais situações estão “moldando”, “produzindo” esses indivíduos que não conhecem outra realidade senão esta onde existe acesso à comunicação imediata via internet, tão disponível e repleta de opções, que ignora os limites geográficos e temporais?

Noutros tempos, a criança era considerada um SUJEITO EM POTENCIAL, preparando-se ao longo de sua trajetória vital, para ser um adulto. No mundo atual, fala-se das crianças e adolescentes como sendo dotadas de disposições milagrosas e que o maior risco seria desperdiçarem o que já seria POTENCIAL e patrimônio. É atribuído a elas, o lugar de CAPAZES, colocando-as IGUAIS aos adultos. Aquilo que ainda não foi vivido parece condenar as crianças e adolescentes de hoje à sensação de desperdício. É a cultura do MITO DO POTENCIAL e dos novos PADRÕES DE VINCULARIDADE.

As regras e os ritmos mudaram. Opera-se na contemporaneidade, um apagamento das diferenças, como a diferença geracional. Há uma pretensa horizontalidade de papéis e funções, que oferecem garantia de direitos e deveres iguais a todos. As condições atuais estabelecem novos parâmetros de modelo familiar, de relação entre adulto-criança-adolescente e da relação pais-filhos.

Estão na ordem do dia, as novas configurações familiares, os avanços tecnológicos e virtuais, novos padrões de comportamentos e vida sexual ativa (os jovens iniciando cedo a vida sexual com a anuência dos pais), erotização do corpo, vínculos precários e instáveis, predominando ações e respostas ilusórias para tudo.

Infância e adolescência implicam em crescimento e isso leva tempo. Enquanto o desenvolvimento avança, a responsabilidade tem de ser assumida pelas figuras parentais, porém a configuração familiar na atualidade tem apresentado dificuldades no estabelecimento de limites, no exercício da autoridade, na organização dos papéis e funções. Os pais abdicam de seus lugares e conseqüentemente deslocam as crianças e adolescentes dos seus.

A adolescência vem se alongando cada vez mais e a infância é comprimida pela precocidade da entrada na adolescência. A adolescência invade a infância e é invadida pelo mundo adulto; crianças e adolescentes tornam-se prematuramente, e por um falso processo, “falsos adultos”.

O fenômeno denominado “adulescência” designa o ideal de ser adolescente para sempre, faltando, assim, padrões adultos para os jovens se identificarem.

Homens e mulheres, pais e mães sucumbem à pressão pela juventude eterna, na busca da suspensão completa da ideia de velhice e morte. Nega-se a passagem do tempo e encaminha-se para “além do tempo humano”, a imortalidade.

Os filhos da contemporaneidade são retratos de pais com medo de serem pais?

A confrontação dos jovens é própria e essencial do processo de maturidade, porém, onde houver o desafio desses jovens em crescimento, é necessário que haja um adulto para aceitar, organizar e limitar essa força em busca de autonomia. O afrouxamento das funções paternas e maternas cobra seu preço em desamparo: as crianças e adolescentes parecem viver num mundo cujas regras são feitas por eles e para eles, a mercê de seus impulsos.

Sendo assim, temos desafios pela frente: construir um espaço possível que favoreça um lugar de escuta, de trocas, diálogos, de existência real. Proporcionar um lugar real, um lugar na mente, um lugar no outro, um lugar em si, de existência... Um “vir a ser”, transformando o MITO DO POTENCIAL em potencialidades verdadeiras, possíveis, transformadoras e criativas. Tudo no seu devido TEMPO!

E isto, não é tarefa só dos psicanalistas, e sim, da humanidade.



Maria Cristina Vasconcellos*

Que cultura é essa?! Sobre

“A Civilização do Espetáculo” de Mário Vargas Llosa

Muito temos refletido nos últimos tempos sobre as características da cultura atual. Mario Vargas Llosa em “A Civilização do Espetáculo” propõe este debate, apresentando situações compiladas por ele através da observação da sociedade e suas considerações sobre ela. O livro não se propõe a uma abordagem acadêmica da contemporaneidade, mas estimula um olhar crítico para refletir sobre a mesma. Os capítulos partem de crônicas suas para o El País, nas quais apresenta-nos cenas pensadas por ele, com um olhar de espanto e com certa ironia, ressaltando seu estranhamento diante das mesmas. O objetivo, segundo Llosa, é “fazer constar a metamorfose pela qual passou aquilo que se entendia ainda por cultura quando minha geração entrou na escola ou na universidade, e a matéria heteróclita que a substituiu”. A leitura tem o caráter leve, ainda que não superficial, das crônicas, colocando-nos diante de cada cena, que pode ser tanto a descrita por ele, quanto as tantas outras que nós mesmos temos experimentado. A identificação com o espanto de Llosa é fácil.

Aborda diversos campos: educação, arte, política, religião, sexualidade, expondo manifestações do que considera uma cultura superficial, empobrecida, produto da tentativa de democratização da mesma, que, para permitir com que maior número de pessoas pudesse ter alcance às produções culturais, promoveu a facilitação da forma e superficialidade dos conteúdos. Modificasse, segundo Llosa, o caráter da cultura na atualidade, que passa a ter por valor principal o entretenimento. Ao mesmo tempo, seus produtos, diferente do passado, não têm a pretensão de “continuar vivos nas gerações futuras”, sendo produzidos para o consumo instantâneo e logo desaparecerem.

Ao compararmos o que foi do passado e o novo que a atualidade propõe, corremos o risco de saudosismo, da exaltação do conhecido e resistência em relação às novidades. Entretanto, as reflexões de Llosa não recusam a novidade, mas a superficialidade e a falta de critério reveladas nas mais diversas expressões da cultura atual. Desfaz confusões, esclarecendo que o conhecimento, que vem ampliando-se significativamente, não é o mesmo que cultura. Ela, como refere o autor, é “uma propensão do espírito, uma sensibilidade e um cultivo da forma, que dá sentido e orientação aos conhecimentos”, constituindo-se em instrumento para orientar os indivíduos quanto às prioridades, os valores tanto nas artes quanto nas ciências e tecnologias. Uma hierarquia que nasce a partir da experimentação, da reflexão, da paixão, conectada com a vida vivida, que “nunca é a dos lugares comuns”.

O empobrecimento das ideias diante da primazia das imagens é outra característica ressaltada pelo autor. Na atualidade, o gesto, a forma, o escândalo, a pose, ocupam o lugar do talento, da consistência das ideias. É uma visão de mundo na qual tudo é aparência, teatro, serve para a diversão. A realidade passa a ser questionada em sua objetividade, na medida em que vivemos em meio à “fantasia midiática” que manipula e falsifica imagens, impedindo desta maneira uma perspectiva crítica sobre as ocorrências.

As figuras de autoridade vão tornando-se cada vez mais objeto de desconfiança, pois não são concebidas como o resultado de uma construção consistente, que exige trabalho, talento, esforço. Isto tem mostrado consequências, especialmente no campo da educação, e traduz-se em pessimismo em relação ao futuro. Segundo Llosa, no

campo da política este é o verdadeiro risco para as democracias liberais, constituindo-se em uma “apatia em relação à vida pública, ceticismo em relação às instituições, relutância em pô-las à prova”.

O impacto desta situação em nível individual se dá, entre outros, através da renúncia ao pensamento reflexivo, estimulada pela facilitação do novo sistema de informar-se e pensar que a internet oferece, e/ou através das modificações em relação à sexualidade, em que há uma propagação do que Llosa chama sexo light. Este, sem amor e sem imaginação, puramente instintivo e animal, faz desaparecer o erótico, o aspecto criativo da sexualidade, realizando sua animalização, o retorno aos tempos das cavernas.

Enfim, é amplo o escopo da cultura atual que ele apresenta o que torna difícil uma abordagem rápida, sem correr o risco de tornar-se superficial. Vale a leitura do livro, que oferece elementos para pensar o que estamos vivendo, para assim retomar a cultura como um meio que propicia a reflexão, o encarar os problemas nos quais estamos mergulhados, sem submergir “num momentâneo ‘paraíso artificial’”. Senão, corremos o risco de nos tornarmos espectadores de um mundo que “embora tenha as formas democráticas, terá chegado a ser aquela sociedade letárgica, de homens e mulheres resignados, a que todas as ditaduras aspiram.”

Boa leitura!

Ferenczi e a Confusão de Línguas

O célebre artigo de Ferenczi, intitulado “Confusões de línguas entre os adultos e a criança – a linguagem da ternura e da paixão” marca o rompimento deste autor com seu mestre e amigo íntimo Sigmund Freud. Sandor Ferenczi preparou este trabalho para ser lido no Congresso da International Psychoanalytical Association (IPA) de Wiesbaden, em 1932. Freud, após ler o texto, pede que Ferenczi não o apresentasse naquele congresso. Ferenczi não atende ao pedido do amigo. Esta circunstância determina o afastamento destes dois colaboradores que eram muito próximos tanto científica quanto afetivamente.

O que continha o artigo de Ferenczi que tanto desagradou Freud e a comunidade psicanalítica internacional daquela época? A traumatogênese seria uma resposta possível a esta pergunta. As concepções de Ferenczi a respeito da realidade do evento traumático e da real participação dos adultos no processo que traumatiza e deforma a personalidade da criança constituía-se no ponto de discórdia.

Escrito em 1932, este texto é um clássico da literatura psicanalítica. Atual e revolucionário conserva, ainda hoje, a capacidade de inquietar várias mentes psicanalíticas. Para muitos, este artigo é o mais importante trabalho escrito por Ferenczi, sua obra mais polêmica, mais frequentemente citada e a mais perturbadora, particularmente para Freud. É a obra que reúne, sintetiza e integra muitas ideias que Ferenczi vinha desenvolvendo a partir de sua clínica psicanalítica, caracterizada pela presença de muitos pacientes graves e difíceis de abordar através da concepção teórico-técnica freudiana.

As ideias de Ferenczi com referência ao conceito de trauma são o ponto culminante da desavença científica entre estes dois grandes pioneiros da psicanálise. Neste trabalho Ferenczi retoma as concepções do “sonho do bebê sábio”, hábil em capacidades egóicas adultas mesmo sendo uma criança bem pequena. Propõe que a criança traumatizada seja comparada a um fruto ferido por um pássaro ou inseto que “amadurece” precocemente para defender-se de “adultos quase loucos” que perderam o autocontrole. Para Ferenczi o trauma acontece em dois tempos. O primeiro momento ocorre quando a linguagem da paixão, usada por um adulto enlouquecido de fúria ou sexualidade, em quem a criança confia, violenta a linguagem da ternura, da confiança e do amor que a criança sente por aquele seu adulto cuidador. A criança busca então um segundo adulto para relatar o maltrato ocorrido, na esperança de entender o que está sentindo em função daquele acontecido. É neste momento que o trauma se concretiza e deixa suas marcas na frágil personalidade da criança, pois esse segundo adulto, não conseguindo suportar o relato desta, a desmente e a confunde. Mesmo sabendo que a criança está dizendo a verdade este adulto afirma que não aconteceu nada, que ela (criança) entendeu mal. A criança fica então sem ter em quem confiar, nem nela mesma,

pois sua percepção também é atacada. Seria neste momento que o trauma ficaria bem caracterizado como tal, pois a criança sem entender o que sua percepção lhe informa passa a duvidar de si e identifica-se com a culpa que percebe inconscientemente que o adulto sente, embora sem alcançar a compreensão desta culpa. Escreveu Ferenczi:

“Os delitos que a criança comete, de brincadeira, só passam a ter um caráter de realidade pelas punições passionais que recebem de adultos furiosos, rugindo de cólera, o que acarreta numa criança, não culpada até então, todas as consequências da depressão” (p.104).

Sejam nos casos de sedução ou violência sexual ou nestes em que acontece uma violenta punição, fica evidente a confusão entre as duas línguas, a da ternura infantil e a da paixão adulta. Devido a abissal diferença de poder entre o mundo adulto e o universo infantil, a criança sacrifica sua percepção e deforma sua personalidade passando a identificar-se com o relato do adulto e com a culpa que este adulto sente. Identificação com o agressor é o termo cunhado por Ferenczi para este processo identificatório.

É importante salientar que, diferente de Freud, a violência sexual não seria o fator traumático principal. Seria mais a prova incontestada da participação do adulto no episódio. O evento traumático seria factual e não fantasiado, conforme a proposta freudiana. E teria a identificação com o agressor como uma importante consequência que produz deformidade na personalidade infantil. Esta identificação seria o resultado não só da violência praticada, mas principalmente do ataque à percepção da criança e da incompreensibilidade da culpa que a criança passa a carregar, mesmo sem saber a razão. Todo o processo identificatório estruturante ficaria comprometido a partir deste momento assim como o desenvolvimento saudável da psique infantil.

O irônico neste episódio referente ao texto “Confusões de línguas”, que afastou estes dois grandes amigos e pensadores da psicanálise, foi que de alguma forma ele reproduz o trauma que Ferenczi evidenciava em sua clínica, tendo ele no papel da criança desmentida e Freud e os demais colegas da comunidade psicanalítica da época, protegendo a desmentida. Sentindo-se desacreditado, excluído e desprezado, Sandor Ferenczi, por coincidência ou não, vem a falecer alguns meses após a apresentação deste trabalho. Vítima provável de uma Confusão de Línguas entre ele e a psicanálise clássica, morre em 22 de abril de 1933. Seus trabalhos ficaram durante muitos anos sem tradução e condenados ao ostracismo. A clínica psicanalítica atual, tão repleta de “pacientes difíceis”, tem proporcionado um renascer da obra deste importante pioneiro da psicanálise.



Anette Blaya Luz*

“Devido à abissal diferença de poder entre o mundo adulto e o universo infantil, a criança sacrifica sua percepção e deforma sua personalidade passando a identificar-se com o relato do adulto e com a culpa que este adulto sente.”

SPPA presente na Bienal

A Bienal do Mercosul, sob a curadoria de Sofia Hernández Chong Cuy, apresentou uma seleção de mais de 60 artistas. Nessa sua 9ª edição, a ideia é desafiar o observador a pensar sobre sua própria tradução do fenômeno estético. Um número menor de trabalhos permite roteiros de observação mais concentrados, mas em troca exige maior entrega nesse processo de busca de compreensão do que ali está sendo mostrado. Não é fácil e muitas vezes o visitante se depara com a perplexidade ou com o mal estar de um aparente vazio de significados. A compreensão nesses casos é algo a ser construído dentro de cada um, não poucas vezes a partir de um sentimento “não-entendo-essa-arte-e-se-não-entendo-não-gosto”. “Queremos compartilhar não só as obras, mas os processos, as investigações e as ideias dos artistas. A Bienal é um projeto experimental, uma experiência de aprendizado, onde se educa e se aprende” – diz Sofia.

Integrada ao movimento da Bienal, no dia 2 de novembro, aconteceu a “Conversa SPPA e 9ª Bienal do Mercosul”. Nessa atividade, que integrou o programa oficial da Mostra Internacional de Arte Contemporânea, os psicanalistas José Carlos Calich, Cláudio Laks Eizirik e a curadora Sofia Chong Cuy, em roteiro escolhido, conversaram sobre o processo criativo e sobre significados ali evocados no momento da visita às obras.

Cine Divã discute a Sétima Arte



Fruto de parceria entre a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) e o Instituto NT de Cinema, o projeto Cine Divã teve prosseguimento no segundo semestre de 2013, com sessões de cinema seguidas de debate com psicanalistas sempre no último sábado do mês.

Em junho, as psicanalistas Bety Brunstein e Maria de Fátima Freitas, analisaram o filme: “O que traz boas novas”. Em agosto foi a vez de “Hanna Arendt”, ser analisado por Hamilton O. P. da Fontoura e Maria Clélia Barros Menegat. Já em setembro, o filme “Las Acacias” reuniu Ricardo Heberle (SPPA) e Eliane Goldstein (SPPA) e, em outubro Anna Luiza Kauffmann e Vera Lúcia Nunes Pereira Lima analisaram o filme “Aconteceu em Saint-Tropez”.

O encerramento das atividades do Cine Divã de 2013, ocorreu no dia 30 de novembro, com o filme “O Homem que ri”, seguido de debate com Lea Lubianca Thormann (SPPA) e Cláudia A. Miranda (SPPA).



Café Literário debate psicanálise e literatura

O Café Literário da Psicanálítica, promovido pela SPPA em parceria com a Saraiva do Moinhos Shopping, reúne mensalmente escritores, psicanalistas e o público interessado em debater e refletir a relação primordial entre psicanálise e literatura. Os encontros do segundo semestre de 2013, coordenados pela psicanalista Jussara S. Dal Zot, foram abertos em agosto, com o debate sobre o “Discurso Feminino em Chico Buarque”, que contou com a participação do professor e escritor Luís Augusto Fischer e do psicanalista Manoel Pires dos Santos.

“Bartebly, o escriturário: uma história de Wall Street”, de Herman Melville, foi o tema de setembro e teve como convidados Moema Vilela Pereira, escritora e jornalista e o psicanalista Igor Dias de Oliveira Alcântara. “A poesia de Paulo Leminski” reuniu, em outubro, os representantes da SPPA Aldo Duarte, Carmem Keidann e Vivian Day para uma conversa com Pedro Mandagará professor e pós-doutorando no Instituto de Letras da Ufrgs. Em novembro, o tema foi “Hanna Arendt e o caso Eichmann - a banalidade do mal” e teve como convidados o psicanalista Carlos Augusto Ferrari Filho e Rafael L. Kasper, escritor e mestre em filosofia pela Ufrgs.

A Psicanalítica em Cena



O ciclo “A Psicanalítica em Cena”, em sua segunda edição, reuniu diretores e atores de algumas apresentações do “Porto Alegre em Cena” com psicanalistas da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). O diálogo pós-espetáculo visa recolher a impressão e a experiência causadas pela obra, sua montagem e seu conteúdo, em uma reflexão que possibilite acomodar (ou muitas vezes desacomodar) aquilo que foi o impacto de assisti-la. O espetáculo teatral, que assombra, invade, convoca ideias e mobiliza emoções, é fonte para reflexões à psicanálise. A reflexão se abre e amplia com a participação do público.

Na edição de 2013 do “A Psicanalítica em Cena”, os espetáculos foram: “Esta Criança”, debatidos por Marcio Abreu (diretor do espetáculo) e Ana Cristina Pandolfo (SPPA); “O Beijo no Asfalto”, Claudio Lira (diretor), Andrezza Alves (atriz e produtora) e Emilio Salle (SPPA); “Não sobre o Amor”, com Leonardo Medeiros (ator), Simone Spoladore (atriz) e Karem Cainelli (SPPA); “Ah, a Humanidade! E outras boas Intenções”, que teve como debatedores Guilherme Weber (ator) e Sérgio Lewkowicz (SPPA) e “Sobre o Conceito da Face no filho de Deus”, com artistas da Cia e Jair Rodrigues Escobar (SPPA).